



Gabriella Avelar
MUSIC HOLE

Inspirado pelo álbum homônimo de **CAMILLE**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

MUSIC HOLE
GABRIELLA AVELAR
uma história inspirada por
MUSIC HOLE
CAMILLE

SÃO PAULO, SETEMBRO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY GABRIELLA AVELAR
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

MUSIC HOLE

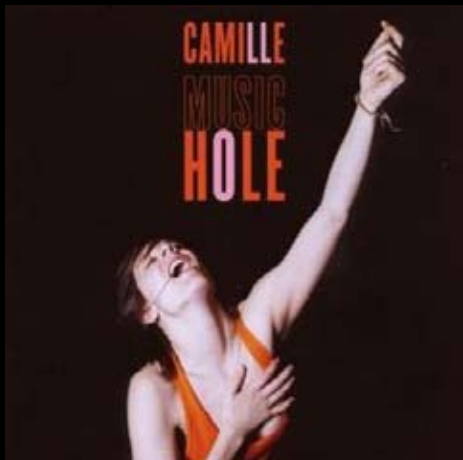
GABRIELLA AVELAR

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Gospel with No Lord
2. Canards Sauvages
3. Home Is Where It Hurts
4. Kfir
5. The Monk
6. Cats And Dogs
7. Money Note
8. Katie's Tea
9. Winter's Child
10. Waves
11. Sanges Sweet

MUSIC HOLE

CAMILLE

LANÇAMENTO: **2008**
SELO: **EMI**



POLEMARCO - MUSIC HOLE

GABRIELLA AVELAR

PERSONAGENS

Rei Céfaló

Rainha Perséfone

Príncipe Polemarco

Oráculo

Kfir

A ação se passa em Delfos, cujo Oráculo dedicado a Apolo, será consultado pelo príncipe Polemarco.

ATO I

Príncipe Polemarco — Sábio Oráculo detentor dos presságios do Destino¹ diga-me o que o futuro me reserva.

Oráculo — Jovem príncipe Polemarco, vejo muito sofrimento em seu futuro.

Príncipe Polemarco — Sofrimento, Oráculo? Mas como?

Oráculo — Vejo sua evasão e isolamento. Seu exílio para terras distantes.

Príncipe Polemarco — Mas isso é impossível! Eu sou um príncipe! Logo me tornarei um rei!

Oráculo — Temo que esse não seja seu destino meu jovem. Não veneres nenhum mortal incluindo a ti mesmo. Julgue a quem amas com imparcialidade. Tente compreender as decisões dos mais experientes. Caso discorde de tais deliberações será forçado a abandonar seu povo. Fugas e não esperes a ruína com medo de parecer medroso.

Príncipe Polemarco — Quando uma mula é rainha dos medos, o único que se há de fazer é fugir.² Mas saiba que não sou tal animal. Pode me condenar a um destino funesto que o driblarei. Eu pertencço à natureza. Respeito e acato as ordens de meu pai, minha mãe e as minhas mesmas!

1 Segundo a Mitologia, uma divindade suprema, o Destino, regia o universo; (...) (EURÍPEDES,2004, p.119).

2 A história figura em Heródoto I. 55, onde se diz que, à pergunta de Crespo, se o seu império duraria muito, a Pítia respondeu que, quando uma mula fosse rei dos Medos, o que ele tinha que fazer era fugir (PLATÃO, 2006, p.265).

O príncipe volta a casa e ainda muito inquieto vai consultar a opinião de seus pais.

Príncipe Polemarco — Pai diga-me a verdade! A previsão do Oráculo é mesmo verdadeira? Não é possível ludibriar o Destino? Serei condenado a uma vida desafortunada e só?

Rei Céfalos — Meu filho, você bem sabe que me encontro “no limiar da velhice”³. Brevemente estarei prestando contas com Hades.⁴

Príncipe Polemarco — Pai, responda-me!

Rei Céfalos — O Destino é inexorável e não tarda.

Rainha Perséfone — Meu filho, seu pai está muito cansado. Venha, precisamos conversar a sós.

O príncipe e a rainha saem do aposento real e dirigem-se ao cômodo ao lado.

Príncipe Polemarco — Diga minha mãe. O que está acontecendo?

Rainha Perséfone — Meu filho, a conjuntura está cada vez mais grave. Seu pai piora dia-a-dia. Agora só fala em Hades e as prestações que tem a pagar. As riquezas do reino foram se esvaecendo assim como o corpo frágil do seu pai. Você tem que nos salvar meu filho! Você precisa salvar nossa família!

Príncipe Polemarco — Mas como minha mãe, rainha e senhora?

3 Expressão de Homero, encontrada em *Iliada* XXII. 60 XXIV. 487, e *Odisséia* XV. 246, 348, XXIII. 212 (PLATÃO, 2006, p. 13).

4 O Hades era a região subterrânea onde ficava a mansão dos mortos (PLATÃO, 2006, p. 15).

Rainha Perséfone — Você precisa casar-se! Temos que unir forças com um reino mais próspero. São negócios meu filho! Negócios! Estamos falidos. Precisamos de você.

Príncipe Polemarco — Será possível que tudo se dá por riquezas? De que vale possuir tanto? Meu pai está no tálamo da morte e o único que a senhora pensa é em jóias? Ouro? Posses? Pois saiba que não me caso! Eu sou o dono do meu Destino! Eu sou como um pássaro selvagem!

O príncipe Polemarco sai correndo em direção aos jardins e desamparado chora. Como companhia, Polemarco, conversa com seus animais de estimação.

Príncipe Polemarco — Mas pelo Perro!⁵ Será que o Oráculo está realmente certo? Minha casa parece já não ter cômodos. Tudo está se despedaçando. Como tanta coisa pode mudar em apenas um dia? Quando se vê o desmoronar uma família é quando dói mais.

5 O juramento pelo cão (o Deus egípcio Anúbis que tinha cabeça de cão) (...) (PLATÃO, 2006, p. 92).

ATO II

De quando Polemarco não encontra nenhuma solução para o colapso financeiro familiar, sua mãe continua a pressionar-lhe em relação ao casamento arranjando. O príncipe segue negando tal Destino e teme que a profecia do Oráculo se cumpra, e assim, acabe exilado em outro reino. A mãe retruca e diz que; se ele casar, sua esposa é quem mudará de reino e não ele. Mas como o príncipe é dado a teimosias não aceita os argumentos maternos.

Rainha Perséfone — Polemarco tendo em vista que possuis aptidão para ver, execute a faculdade da visão!⁶

Príncipe Polemarco — Mas é o que eu faço!

Neste momento entra o príncipe etrusco⁷ Kfir.

Kfir — Parece-me que chego em hora inconveniente. Perdoem minha falta.

6 Aptidão para ver = Aptidão para conhecer. Faculdade da visão = Faculdade da razão (PLATÃO, 2006, p. 206).

7 Há controvérsias em relação aos aspectos históricos e culturais que definem o surgimento e o apogeu da civilização etrusca. Por suas peculiaridades etnográficas, lingüísticas, religiosas, políticas e culturais, os etruscos irão se diferenciar de toda a população da Itália antiga. De acordo com o historiador grego Heródoto, os etruscos eram um povo de origem oriental que haviam imigrado da Ásia Menor e haviam se estabelecido na Toscana. Por outro lado na época do imperador Augusto, Dionís de Halicarnas defendia a idéia de que eram habitantes autônomos. Ocorreu um largo e complexo processo (iniciado no séc. VII a.C.) até o estabelecimento da realidade étnica e territorial que hoje conhecemos como Etrúria. Seu declínio começa a partir do séc. III, quando Roma conquista uma após outra, as cidades etruscas. Essas perdem não somente a independência política, como também a autonomia cultural e artística (EXPOSIÇÃO, 2008).

Polemarmo e Perséfone olham incrédulos para o visitante.

Príncipe Polemarco — Kfir! Que contente estou com sua chegada! Mas não tardarias por mais algumas semanas? Passou algo?

Kfir — O inevitável nobre amigo. Meu pai mudou-se para a cidade dos mortos e meu digno irmão ocupou seu lugar no poder. Perante tais acontecimentos decidi ostentar a existência aristocrática e com minhas posses desfrutar a vida com o máximo esplendor do ocidente.

Ao ouvir tais palavras o espírito ganancioso da rainha Perséfone se elevou e como era conhecedora da grande riqueza etrusca, viu em Kfir a chance para reerguer seu reinado.

Rainha Perséfone — Jovem príncipe etrusco, que honra receber sua visita uma vez mais. Venha, mandarei que os criados preparem seus aposentos e agora mesmo ordeno que sirvam o jantar.

Kfir — Obrigado amada rainha, mas antes gostaria de presenteá-los com o afresco egípcio “Tutmés III e o Deus Amun-Re”⁸.

Rainha Perséfone — Quanta gentileza amavioso príncipe. Esse afresco é uma raridade do Novo Império!⁹ Ele cairá perfeitamente no nosso salão de

8 Tutmés III e o Deus Amun-Re do templo de Hathor, Dei rel-Bahari c. 1450 a.C. Afresco Museu Egípcio Cairo. . (MAGALHÃES, 2005. Pg. 28-29).

9 O Egito Antigo se dividia em Antigo Império (4000-2050 a.C.), Médio Império (2050-1550 a.C.) e Novo Império (1550-1075 a.C.) (MAGALHÃES, 2005. Pg. 24).

artes. Após o jantar nos encaminharemos para lá.

Durante o jantar.

Rei Céfalos — Estimado Kfir, lastimo o que ocorreu com vosso pai.

Kfir — Não o lastime bondoso rei. Não te acordas que é característico dos etruscos manter na necrópole um reflexo fiel das cidades e dos habitantes vivos?

Rei Céfalos — Perdoe essa majestade anciã meu jovem. Meus adágios estão a se esvaír dia após dia.

Kfir — Não se desculpe respeitosa realza, compreendo que as peculiaridades etruscas são um enigma para muitos. Mas, em relação ao meu pai, acredito que ele se encontra muito bem, pois continua subexistindo no mundo da tumba, em um ambiente doméstico e equipado com tudo que é necessário para habitar ali. E também, está cercado de suas jóias e tesouros com o máximo de esplendor, para sua vida imortalizada no momento do banquete cerimonial da passagem.

Rei Céfalos — Admiro sua crença e fé, pois, para nós gregos o que resta é a sombria estrada ao Hades e por toda a eternidade conviver com os deuses infernais.

Rainha Perséfone — Mudemos estes assuntos funestos acatado marido. Deixe que Kfir nos fale um pouco mais sobre a encantadora Etrúria.

Kfir — Não há muito que dizer. Somos aristocratas com riquezas acumuladas graças à posse de terras e o controle de jazidos minerais.

Rainha Perséfone — Oh, encanta-me esse intercâmbio entre o mundo oriental e ocidental.

Kfir — Aprendemos muito com os gregos, principalmente em relação ao consumo de vinho¹⁰ e da realização de banquetes como este. Proponho um brinde a essa amizade!

10 Zeus mais uma vez apaixonou-se por uma simples mortal. Dessa vez a vítima foi a princesa tebana Sêmele, que se tornou, consoante o sincretismo órfico-helênico, mãe do segundo Dionísio. Preferido do pai dos deuses e dos homens, estava destinado a sucedê-lo no governo do mundo, mas o destino decidiu o contrário. Para proteger o filho dos ciúmes de sua esposa Hera, Zeus o confiou aos cuidados de Apolo e dos Curetes que o criaram nas florestas do Parnaso. Hera, mesmo assim, descobriu o paradeiro do jovem deus e encarregou os Titãs de raptá-lo. Apesar das várias metamorfoses tentadas por Dionísio, os Titãs surpreenderam-no sob a forma de touro e o devoraram. Palas Atena pôde ainda salvar-lhe o coração, que palpitava. Foi esse coração que Sêmele engoliu, tornando-se grávida do segundo Dionísio. (...) O segundo Dionísio, no entanto, não teve um nascimento normal. Hera ao ter notícias das relações amorosas de Sêmele com o esposo, resolveu eliminá-la. Transformando-se na ama da princesa tebana, aconselhou-a a pedir ao amante que se lhe apresentasse em todo o seu esplendor. O deus advertiu a Sêmele que semelhante pedido lhe seria funesto, mas como havia jurado pelo rio Estinge jamais contrariar-lhe os desejos, apresentou-se-lhe com seus raios e trovões. O palácio da princesa incendiou-se e esta morreu carbonizada. Zeus recolheu do ventre da amante o fruto inacabado de seus amores e colocou-o em sua coxa, até que se completasse a gestação normal. Nascido o filho, confiou-o, para evitar novo estratagema de Hera, aos cuidados das ninfas e dos Sátiros do monte Nisa. Certa vez o jovem deus Baco colheu alguns cachos de uva, espremeu-lhes as frutinhas em taças de ouro e bebeu o suco em companhia de sua corte. Todos ficaram então conhecendo o novo néctar: o vinho acabava de nascer (BRANDÃO, 1980, p. 23-24).

ATO III

Após o jantar o príncipe Polemarco, a rainha Perséfone e o príncipe Kfir dirigiram-se ao salão de arte. O rei Céfalo, devido à avançada idade, preferiu retirar-se aos aposentos reais.

Rainha Perséfone — Serva Katie traga mais da bebida báquica para o deleite de todos.

Katie — Sim, minha rainha.

Rainha Perséfone — Estou segura de que os jovens príncipes apreciarão.

Com essa bebida excêntrica a rainha começa a por em prática seu plano para usufruir das riquezas do príncipe estrangeiro. Todos então bebem e continuam a longa conversa sobre as maravilhas entre o Oriente e o Ocidente.

Kfir — Mas que bela coleção de arte minha senhora rainha! Que afresco inquietante. A expressão facial de tais figuras transmite uma profundidade psicológica crível!

Rainha Perséfone — Pois trata-se de uma obra de Polignoto de Tasos.¹¹ Grande artista de todos os tempos.

11 Ativo em meados do século V a.C. trabalhou em Delfos e Atenas. Tinha um talento especial para dotar suas figuras de profundidade psicológica, por meio de expressões faciais. (MAGALHÃES, 2005. Pg. 38).

Kfir — Sem dúvidas, assim o é.

Rainha Perséfone — Temos também belos vasos áticos. É uma pena que essa pintura tenha entrado em declínio.

Kfir — Realmente lastimável, pois a pintura de artefatos de cerâmica está florescendo na Itália meridional...Ora, mas isso não é novidade para tão sábia rainha. Perdoe minha insolência.

Rainha Perséfone — Pois bem sabes que não é preciso tamanho respaldo. Somos todos nobres.

Após alguns segundos de desagradável silêncio o príncipe Polemarco interveio na conversa.

Príncipe Polemarco — Kfir diga-nos um pouco mais da tumba de seu pai.

Kfir — Curioso era precisamente sobre isso que vagavam meus pensamentos. Após fruir de tamanho deslumbre artístico lembrei-me do sepulcro de meu pai, cujas pinturas nas paredes são tão apreciáveis quanto estas.

Rainha Perséfone — Quão agradável é a companhia de jovens nobres! Aceitam um pouco mais de vinho?

Kfir — Sim, por favor. Como recusaria algo com o néctar mais agradável de todos os continentes.

Príncipe Polemarco — Para mim também. É incrível, não consigo parar de aprazer-me com tamanha felicidade

A rainha delicia-se com o domínio que exerce sobre os dois jovens inebriados

e assim sendo resolve dar seu golpe final.

Rainha Perséfone — Kfir venha ver mais de nossa coleção.

Kfir — Claro minha senhora, mas Polemarco não se importa. Verdade?

Príncipe Polemarco — Ora nobre amigo, é claro que não! Vá e desfrute de nossa coleção. Eu fico por aqui aproveitando um pouco mais da bebida de Baco.

Kfir e a rainha retiraram-se então do aposento. O príncipe Polemarco continuou bebendo até que cochilou. Ao despertar-se sentiu falta da mãe e do amigo e partiu em sua busca. Ao encontrá-los Polemarco teve a visão mais desagradável de toda sua existência.

Príncipe Polemarco — Mãe! Kfir! O que vejo? Não! Isso não pode ser verdade. Diga que meus olhos me enganam!

Kfir e a rainha se entreolharam envergonhados e baixaram a cabeça não conseguindo olhar para Polemarco.

Príncipe Polemarco — Minha própria mãe e meu amigo! Deitados, desnudos! Como ousam desrespeitar de tal maneira a meu pai e a mim!

O príncipe Polemarco sai desnordeado sem saber o que fazer enquanto Kfir e Perséfone se vestem rapidamente.

Rainha Perséfone — Meu filho! Não se vá! Me escute! Só pode ter sido culpa dessa maldita bebida que a Katie nos serviu! Mas não se preocupe que mandarei executá-la!

Kfir — Como ousas? Depravada rainha! Além de me seduzir ainda decretas a morte de uma inocente? Mereces a miséria e a solidão!

Rainha Perséfone — Pois não penses que sairás sem punição! Traístes o rei em sua residência e pagarás muito caro por isso!

Kfir — Maldita Hidra de Lerna!¹² Era esse seu objetivo desde o princípio! Roubar minhas possessões! Pois saiba que de mim não terás nada! Prefiro pagar com minha própria vida a dar-te algum bem material!

12 A famosa Hidra de Lerna era uma cobra venenosa com muitas cabeças. Cada vez que uma era cortada, nasciam duas. Um dos trabalhos de Hércules consistiu em livrar a Grécia desse monstro (PLATÃO, 2006, p. 120).

EPÍLOGO

E assim o foi. O enganado príncipe estrangeiro foi condenado à morte sob acusação de desonrar a rainha e por tentativa de roubo. Perséfone conseguiu se safar utilizando-se de artimanhas. Para a incriminação de Kfir e Katie, a rainha jurou que eles haviam tramado juntos para roubar as obras de arte do rei.

Polemarco a essa altura já não via nem escutava nada. Apenas caminhava em direção a lugar algum. E assim prosseguiu por Sóis e Luas.¹³ Não se sabe ao certo sobre o paradeiro do príncipe grego, segundo lendas o jovem príncipe migrou para Turquia, onde viveu uma vida simples e solitária.

FIM

13
227).

Entenda-se: o Sol e a Lua, causadores das variações do dia, noite, mês e ano (PLATÃO, 2006, p.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Junito de Souza. *Teatro Grego: Origem e Evolução*. Rio de Janeiro: Tarifa Aduaneira do Brasil – Editora LTDA, 1980.

EURÍPEDES. *Alceste Electra Hipólito*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

EXPOSIÇÃO. *Príncipes etruscos Entre Oriente e Ocidente*. De 31 de janeiro a 4 de maio de 2008. Caixa Fórum, Avenida Marques de Comillas, 6-8, Barcelona

MAGALHÃES, Roberto Carvalho de. *O Grande Livro da Arte*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2006.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br